

A MORTE DE JESUS CRISTO E A OFERTA DO EVANGELHO

*Paul Wells**

RESUMO

A fé reformada ou o calvinismo histórico abraça a convicção de que a redenção é particular, ou seja, de que Jesus Cristo morreu para salvar apenas o seu povo, as suas ovelhas, e não todos os homens indistintamente. Ao contrário do que se imagina, essa doutrina não contradiz a oferta universal do evangelho a todos, antes é um poderoso estímulo a ela. Na verdade, a “redenção particular” é o fundamento do anúncio geral das boas novas. Somente ela é coerente com o conteúdo do evangelho, ou seja, que todos os seres humanos são pecadores e incapazes de se salvar, que Cristo foi escolhido “no seu sangue, como propiciação, mediante a fé”, que a reconciliação é obra pessoal de Deus e que todo homem tem o dever de se arrepender e crer.**

PALAVRAS-CHAVE

Teologia reformada; Calvinismo; Pacto; Redenção particular; Arminianismo; Pregação do evangelho.

INTRODUÇÃO

Há mais ou menos vinte anos, a fé cristã era objeto de um blackout, porque Deus, julgado incongruente e ultrapassado, “estava morto”. Hoje, nossos

* O autor nasceu em Liverpool, na Inglaterra, e reside no Sul daquele país. É professor emérito da Faculdade João Calvino, em Aix-en-Provence, na França, e editor-chefe da revista *Unio cum Christo*. Sua tese de doutorado (Th.D.) na Universidade Livre de Amsterdã, *James Barr and the Bible: Critique of a New Liberalism* (James Barr e a Bíblia: crítica de um novo liberalismo, 1980) foi novamente publicada em 2016 pela editora Wipf and Stock. Em 2010, recebeu um grau honorário (D.D. Honoris Causa) do Seminário Teológico Westminster, em Filadélfia.

** Este artigo foi publicado originalmente em *La Revue Reformée* 194 (1997-3): 63-85. O texto reproduz uma conferência dada na “Pastorale” de Dijon em 1993. Tradutor: Paulo Sérgio Athayde Ribeiro.

contemporâneos procuram novas formas de espiritualidade. Essa evolução, entretanto, não parece beneficiar a fé cristã tradicional. O retorno ao religioso não é um retorno nem à igreja, nem ao interesse pela doutrina cristã.

O que desagrada no cristianismo é seu *exclusivismo*. Uma fé que pretende ser a única verdadeira só pode ser imperialista e, conseqüentemente, favorável à discriminação tanto na terra como no céu – ela é fundamentalmente intolerante. Seu Deus não é universal, mas sectário. Ousar afirmar que *somente um caminho* leva ao *único Deus verdadeiro*, passando por *um* homem historicamente distante e por *uma* cruz, na qual ele foi crucificado, é qualquer coisa de inaceitável. Para a maioria das pessoas, toda religião tem sua parcela de verdade e de erro, e o mundo todo sabe que muitos não cristãos fazem mais pelos pobres e infelizes do que muitos crentes.

Há muitos cristãos que tropeçam nessa dificuldade para em seguida renunciar à ideia de que o cristianismo é uma religião única. Todas as religiões têm o mesmo Deus, “nós iremos todos para o paraíso”, porque o guarda-chuva de seu amor cobrirá a todos. Conseqüentemente, a evangelização torna-se uma empresa duvidosa. Esta concepção está longe de ser exceção no protestantismo contemporâneo, que é *universalista* de maneira explícita – o inferno não existe mais – ou implícita. Ainda que a Bíblia fale do julgamento, a salvação para todos é uma esperança.

Nessas condições, é preciso que tenhamos sólidas convicções bíblicas para crer no que o calvinismo histórico afirma, ou seja, na doutrina da *redenção particular*: Jesus Cristo morreu com uma intenção precisa, isto é, para salvar apenas o seu povo, suas ovelhas, seus eleitos, e não todos os homens. Tal afirmação parece não somente estar no extremo oposto das atitudes modernas globalizantes, mas também para muitos evangélicos é motivo para abandonar a evangelização. Por isso na sequência do nosso estudo procuraremos demonstrar que, ao contrário do que aparenta, a noção de *redenção particular* é essencial e constitui um poderoso estímulo à oferta universal da boa nova a todos.

1. A OFERTA UNIVERSAL E A “REDEÇÃO PARTICULAR”

A questão da “redenção particular”, segundo R. L. Dabney,¹ é um dos pontos mais delicados da teologia calvinista, não em razão dela mesma, mas por causa das controvérsias que provoca. É sobre esse ponto, que faz parte dos Cânones de Dort, que se concentram os ataques dos defensores (arminianos) da “redenção universal”.

¹ DABNEY, R. L. *Lectures in Systematic Theology*. Reimpressão. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1972 (1878), p. 513ss. DABNEY, R. L. “God’s Indiscriminate Proposals of Mercy, as Related to his Power, Wisdom and Sincerity”. In: *Discussions Evangelical and Theological*. Edimburgo: Banner of Truth, 1967 (1890), p. 282-314. Robert Dabney, teólogo presbiteriano do século 19, foi capelão de Stonewall Jackson.

Um primeiro problema está na imprecisão da linguagem. J. I. Packer, como Dabney, critica a expressão clássica *redenção limitada*.² A redenção não é limitada; Deus realizou, sem limitação, exatamente o que queria na salvação dos homens. Aliás, mesmo para a “redenção universal”, salvo se queremos afirmar que todos os homens serão salvos (universalismo puro e simples), a redenção é limitada não pela determinação de Deus, mas pela vontade humana. Para o calvinista, *Deus salva pecadores*. Cada palavra dessa afirmação tem seu devido peso.

Ao levantarmos a questão sobre o conteúdo da redenção, nós nos colocamos no coração do Evangelho, no sentido não apenas teológico, mas também prático. A graça de Deus pode ser derrotada? Cristo morreu em vão? Um passo em falso nesse terreno muda todo o sentido do evangelho. A “redenção particular” é a mensagem de toda a Escritura; modificá-la, seria mudar toda a doutrina bíblica, tanto o sentido de “particular” ou “limitado”, como também o sentido de “redenção”. Se modificarmos o sentido da redenção adquirida na cruz, então os sentidos de eleição, de pecado, da graça e da perseverança dos santos serão igualmente modificados! Então teremos uma religião diferente! (Packer).

1.1 A doutrina da “redenção particular”

Cristo aceitou morrer por uma esposa que não conhecia? Ele se casará com quem quer que o escolha? Estas duas perguntas feitas por C. H. Spurgeon situam bem o assunto. A vontade de Cristo é salvar os seus, ou propor a salvação a uma hipotética vontade humana?

A questão da “redenção particular” *não* se choca com:

- A suficiência do sacrifício de Cristo: esse sacrifício é suficiente para toda criatura e até para aqueles que poderiam ter sido criados;
- A adaptabilidade a todos: ela corresponde às necessidades de todos. Em um sentido objetivo, o sacrifício de Cristo atinge todos os homens da mesma maneira;
- A oferta universal: a salvação é dada a conhecer tanto ao eleito como ao não eleito, quando ouvem o evangelho.³

Esta doutrina tem como único alvo especificar *por quem* o Pai entregou seu Filho à morte e *por quem* Cristo se deu com o propósito de libertá-lo. Em

² PACKER, J. I. Le salut biblique et l’annonce de l’Evangile. *La Revue Réformée* (1992:5), p. 1-20. Em inglês, Limited Atonement. Sua formulação clássica se encontra no terceiro cânone de Dort (1619).

³ HODGE, A. A. “The Design or Intended Application of the Atonement”. In: *The Atonement*. Cherry Hill, NJ: Mack, sd., p. 199-247. A. A. Hodge (1823-1886) foi professor de teologia sistemática no Seminário de Princeton.

geral, os reformados usam a frase de Agostinho sobre a redenção: “Suficiente para todos, eficaz para os eleitos”. Isto indica que a *dignidade e o valor* da cruz são suficientes para todos os homens, mas que, segundo a *vontade* divina, essa obra é concretamente aplicada somente ao povo de Deus. A suficiência da obra não implica que Deus queira salvar todos os homens.

Se a redenção é particular, isso é devido à intenção de Deus quando estabeleceu a Cristo como o substituto para o pecado deles. Essa intenção implica as seguintes considerações:

- A redenção é consequência da eleição e não o inverso;
- O amor de Deus é específico e profundo e não geral;
- A morte de Cristo é uma transação pactual e não um ato com objetivo impreciso;
- O sacrifício de Cristo é eficaz para o seu povo e não para todos de maneira indefinida;
- Os frutos da morte de Cristo são a fé e o arrependimento daqueles que creem nele e não uma fé eventual.

A doutrina da “redenção particular” leva em conta a intenção de Deus e de Cristo, segundo a qual Jesus morreu por seu povo e unicamente por ele; cada indivíduo que faz parte desse povo será inevitavelmente salvo; fora desse povo ninguém receberá a bênção da graça especial.

1.2 Essa doutrina depende da natureza da Aliança

É no contexto da aliança divina que podemos compreender a origem, a natureza e as consequências da morte de Cristo. Desviando-se disso, o arminianismo⁴ opõe Deus ao homem quando se concentra sobre a questão da capacidade da vontade humana. Do lado reformado, igualmente, quando a doutrina da aliança não é bem compreendida, a relação entre a “redenção particular” e a oferta universal da salvação em Cristo é falsificada, resultando, de um lado, no universalismo hipotético de Amiraldo, e do outro, no hipercalvinismo.⁵

O pensamento reformado fez distinção, e ela nos parece bíblica, entre o pacto “da redenção”, que é eterno, feito entre o Pai e o Filho para salvar um povo

⁴ O arminianismo, muito difundido no mundo “evangélico” a partir do avivamento de Wesley, é o ensino de Armínio (1560-1609) resumido em cinco pontos, respondidos pelos Cânones de Dort. A vontade do homem é indeterminada: ele é perfeitamente capaz de responder, por si mesmo, ao Evangelho. Os arminianos apenas retomaram, porém modificando-os, os argumentos de Erasmo contra Lutero ou de Pelágio contra Agostinho.

⁵ M. Amyraut (1596-1664) ensinou que Deus idealiza, em sua vontade, salvar a todos, mas na prática esse desejo encontra a resistência do pecado do homem. O hipercalvinismo afirma que, uma vez que a eleição diz respeito unicamente a alguns, o Evangelho não é oferecido a todos através de um apelo geral.

pela cruz, e o pacto “da graça”, que é o meio histórico de realização. Francisco Turretino⁶ diz que são duas as condições da mediação de Cristo. Cristo foi dado como redentor dos homens e homens foram dados a Cristo. Estes dois atos alcançam as mesmas pessoas. Do contrário, Deus teria falhado. Para realizar o pacto de redenção, Jesus se empenha na realização de dois atos:

- Sua *morte*, pela qual ele se deu como garantia e satisfação pelos pecados humanos (uma transação legal);
- Sua *ressurreição*, pela qual ele é o cabeça da nova humanidade, da igreja, daqueles que lhe foram dados “como recompensa”.

Segundo Turretino, a razão, o conteúdo e a eficácia desses dois atos de Cristo são os mesmos. No primeiro ato, Cristo se deu pelos homens; no segundo, ele lhes aplica sua salvação. Mas esta maneira de ver é bíblica? Certamente não é com os escritos do apóstolo João, em particular o capítulo 17 de seu evangelho, que se vai provar o contrário! Tudo isso é verdade sobre o pacto “de redenção”.

Mas esse pacto “de redenção” se realizou historicamente. O pacto “de graça” é o modo de realização da redenção. Do ponto de vista de Deus, a graça de Cristo será aplicada aos eleitos. Mas, do ponto de vista do homem, esses eleitos fazem parte de uma massa de pecadores da qual devem ser retirados. Eles responderão e serão salvos? Sim, mas deverão ouvir a mesma mensagem que os outros, a fim de receber a salvação que foi realizada, por eles, em Cristo. Eles têm de ser chamados, receber a Cristo pela fé e entregar-se a ele. Para atingir esse objetivo, Deus escolheu o anúncio universal da boa nova de Cristo.

1.3 A “redenção particular” e a oferta do evangelho

O arminiano tem ao menos duas reações diante do exposto. Ele considera que há aí uma perversão da linguagem bíblica.

(a) A Bíblia, de fato, não diz que Deus ama o *mundo*, que Cristo se deu por *todos*, que ele morreu para salvar a *todos*, etc.? O calvinista lhe parece culpado de fazer uma amputação bíblica. Essa opinião pode ser de uma simplicidade sedutora, mas é errada. A Bíblia diz que Deus ama a igreja, que Cristo se deu por muitos e que ele morreu por suas ovelhas. O arminiano explica então que se trata de dois tipos de amor, diferentes em grau. Nada é mais incorreto. Antes, é melhor reconhecer que, nos dois casos, trata-se do mesmo amor e dos mesmos beneficiários.

⁶ TURRETIN, F. *The Atonement of Christ*. Grand Rapids, MI: Baker, 1978 (1859), p. 114 ss. François Turretin ou Francisco Turretino foi um teólogo de Genebra e sucessor de Calvino no século 17.

Por isso é correto interpretar os termos gerais, os “todos” da Escritura, como restritivos, e não o inverso. É impossível, como notam W. Cunningham⁷ e A. A. Hodge, explicar em que consiste o amor específico de Deus pelos seus, se de início afirmarmos que esse amor é geral. Nesse caso, Deus não teria mais amor por uma ovelha de Cristo do que por um lobo que destrói o rebanho!

2) Em segundo lugar, a “redenção particular” não desestimula o anúncio do evangelho? Ao contrário. Sem ela, nenhum anúncio do evangelho é possível. Dabney observa que esse problema é do mesmo tipo que o da soberania de Deus e da liberdade humana. Se Deus, em sua soberania, não tivesse feito o homem livre, este não seria nem livre, nem verdadeiramente responsável. Da mesma maneira, se Cristo não tivesse salvado os seus, a oferta do evangelho não seria a que encontramos na Escritura. Isto é certamente verdade, mas bastante teórico. Tentemos ser mais concretos. Por que a “redenção particular” exige uma oferta geral? “Eu não poderia pregar como um arminiano!”, disse Spurgeon. Ele dá três razões pelas quais a “redenção universal” dos arminianos, apesar da aparência, não permite um anúncio autêntico do evangelho:

- Cristo morreu para salvar os perdidos, mas, de fato, *ninguém* ainda foi salvo pela cruz. Tudo ainda precisa ser aplicado:

“Eu prefiro crer em uma redenção que seja eficaz para todos aqueles a quem foi destinada a crer em uma “redenção universal” que seja eficaz somente quando a vontade humana permitir”.

- Se Cristo não morreu especificamente por alguns, o homem é o arquiteto de sua salvação. É o homem que, por sua resposta, a assegura. Essa resposta, quem poderá dá-la? Ninguém. Quem poderia?

“Alguém dirá com insistência que Cristo morreu por todos. Mas, então, por que todos não são salvos? Porque todos não querem crer. Isso quer dizer que a fé seria necessária para que o sangue de Cristo seja eficaz para a redenção? Nós consideramos isso uma grande mentira.”

- Deus quer que todos os homens sejam salvos, mas seu desejo é impotente. Ele espera a resposta do homem:

“Se a intenção de Cristo era salvar todas as criaturas, oh!, como ele deve ter ficado decepcionado!”

⁷ CUNNINGHAM, W. *Historical Theology*. Edimburgo: Banner of Truth, 1960 (1862), vol. II, p. 323-369; CUNNINGHAM, W. *The Reformers and the Theology of the Reformation*. Edimburgo: Banner of Truth, 1967 (1862), p. 413-470. William Cunningham (1805-1861), foi deão do New College, em Edimburgo, na Escócia.

Diante da “redenção universal”, todo pregador deveria se aposentar ou procurar os meios mais poderosos para transmitir sua mensagem. Felizmente, as condições da pregação reformada são completamente outras. Por causa da “redenção particular”, os homens e as mulheres foram realmente salvos na cruz. A oferta geral por certo não implica, logicamente, em redenção universal.

A oferta é geral, isto é, apresentada a todos aqueles que a ouvem, porque Cristo é o mediador entre Deus e os homens em geral (1 Tm 2.5). O homem é “responsabilizado” pela oferta do evangelho, que lhe ensina que ele não pode pretender ser salvo por sua própria força e que lhe mostra o que ele deve fazer para ser salvo. Quando da oferta do evangelho, Deus chama de maneira eficaz e salva aqueles por quem Cristo morreu. Assim, na oferta geral do evangelho, Deus é colocado na posição de soberano em relação à sua criatura. Esta se encontra em uma posição normal em relação a Deus e aprende que seu dever é entregar-se a Deus pela fé.

Por que Spurgeon não podia pregar como um arminiano? Porque o homem é o que manda, e não Deus. O arminianismo engana-se ao pressupor que a natureza pecadora é normal e que o homem tem capacidade de responder livremente; assim o homem chega à fé. O calvinismo, ao contrário, coloca o ser humano que ouve o evangelho diante da responsabilidade de crer e lhe mostra que ele depende de Deus para receber a fé como um dom.

Agora vamos considerar os dois aspectos da mediação de Cristo segundo o evangelho: a apresentação de Cristo e o chamado dos homens e mulheres para Cristo.

2. CRISTO É APRESENTADO AOS PECADORES NO EVANGELHO

Quatro aspectos dessa questão devem ser considerados: o fundamento da oferta geral da redenção em Cristo, sua natureza, sua intenção e suas consequências.

2.1 O fundamento da oferta do evangelho

Na oferta do evangelho, Deus não limita sua soberania. Ele exige que *todas* as suas criaturas vivam pela fé. Portanto, é normal que o chamado do evangelho proceda de e encontre sua eficácia em Deus mesmo. Paulo diz que “vós sois [de Deus] em Cristo Jesus” e que foi o Pai que “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (1Co 1.30 e Cl 1.13).

Por que essa ação de Deus Pai? Ela tem como objetivo conduzir a Jesus os homens e mulheres que lhe foram dados como recompensa. Jesus mesmo diz: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim... Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer” (Jo 6.37,44). Esse ato do Pai reflete seus atributos: sua soberania, sua liberdade, sua graça e seu amor. O evangelho, o instrumento por meio do qual os filhos de Deus vêm a Cristo, é a expressão da

vontade de Deus em salvá-los em seu amor. John Murray afirma que o amor é a fonte de todos os dons que Deus dá aos ímpios.⁸ Por trás da oferta geral de salvação está o amor de Deus; não um sentimento vago para com o pecador, mas uma disposição favorável e real que se concretiza no fato de que Deus lhe indica o caminho da salvação. “Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso? ... não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?” (Ez 18.23).

A oferta do evangelho não tem como *alvo* revelar o amor de Deus aos homens. Ela é o *instrumento* dessa revelação. Seu objetivo é exibir os atributos de Deus: a glória do próprio Deus que é amor. A glória de Deus e a realidade de seu amor por suas criaturas, que se expressam na oferta geral, também devem determinar em que espírito a pregação do evangelho deve ser feita. Não somos frequentemente culpados de ter um amor frio para com Deus e por isso nosso desejo de ver o pecador vir a Cristo fica enfraquecido?

2.2 A natureza da oferta geral

Se Cristo não morreu senão somente pelos seus, como apresentar o Cristo do evangelho? Packer fala do evangelismo moderno, cuja estrutura é a seguinte: “Deus ama você e tem um plano maravilhoso para a sua vida; Cristo morreu por todos os homens; ele quer ser o seu Salvador; aceite-o no seu coração”.

O arminiano pensa que o evangelho pregado pelo calvinista não é para todos os homens, uma vez que Cristo morreu somente pelos seus, e o calvinista acha que, no sistema arminiano, a redenção é limitada, ou seja, a morte de Cristo não é suficiente para ninguém; a vontade do Senhor de salvar é impotente e depende da suposta boa vontade do pecador.

Qual é o problema colocado pelo arminianismo? Aproveitando uma distinção de Dabney, o problema repousa sobre uma confusão quanto à palavra “redenção”. Nesse sistema o sacrifício de Cristo não é objeto de nenhuma transação; ele é aplicado a todo indivíduo salvo. Se todos são eleitos, a natureza do sacrifício seria a mesma para todos. Dabney argumenta que, no Novo Testamento, se a *expição* do pecado pelo sacrifício de Cristo é impessoal e jurídica, a *reconciliação* é pessoal. Assim, pela vocação eficaz, a expiação impessoal é aplicada de maneira pessoal e positiva e seu destinatário é reconciliado com Deus. Na mediação de Cristo, a expiação é um ato único e impessoal, enquanto que a reconciliação é múltipla e engloba os indivíduos reconciliados. Essa distinção, como destaca A. A. Hodge, é uma aplicação prática daquilo que distingue os pactos “da graça” e “da redenção”.

Quando Cristo diz, em João 6:37, que os seus virão a ele e que não os deixará fora, Ele põe em evidência sua intenção de fazer o que o seu Pai quer.

⁸ MURRAY, J. *The Forgotten Spurgeon*. Edimburgo: Banner of Truth, 1978, p. 69-116. MURRAY, J. “The Free Offer of the Gospel”. In: *Collected Writings*. Edimburgo: Banner of Truth, 1982, vol. IV, p. 113-132. John Murray foi professor no Seminário Westminster, em Filadélfia, de 1937-1966.

Cristo conduz sua ação com a firme intenção de atrair a si todos aqueles que pertencem ao Pai. Ele é bastante poderoso para salvar; a mediação formalmente realizada na cruz se completa na aplicação da salvação e na intercessão em favor dos seus filhos. Todos os seus virão a ele e, como diz John Bunyan, “Cristo não encontrará neles nada que lhe desagrade”.⁹

Na oferta geral, existem duas aplicações dessa verdade. A expiação é apresentada e ofertada a todos, porque o sacrifício de Cristo é impessoal. Na pregação da cruz o amor de Deus é anunciado a todos, sem alusão à eleição ou à não eleição de uns e de outros. É a obra da cruz que é apresentada na pregação evangélica, porque é aí somente que o amor de Deus é conhecido. O pregador não tem nenhum mandato para ir além e acrescentar “Deus vos ama” e ainda menos para afirmar que “a graça de Deus é para todos, sem nenhuma condição”. Deus não exprime seu amor diretamente ao pecador, mas pela mediação da cruz. A relação entre Deus e o pecador é de julgamento e de graça, que ganha sentido somente na perspectiva do Calvário.

O que sabemos, de fato, sobre o amor de Deus e de sua graça por X ou por Y, pecadores como nós diante de Deus? Nada. Um e outro têm, talvez, um câncer e podem morrer em seis meses e perder-se eternamente. O que lhes devemos dizer com urgência?

Em segundo lugar, o pregador, como Deus mesmo faz, tem o dever, em suas declarações, de esconder-se atrás da cruz. Ele não está qualificado para administrar a graça de Deus. Por outro lado, está qualificado para proclamar o nome do Deus “rico em misericórdia”. O anúncio do evangelho tem como objetivo interpelar as pessoas, *não oferecer-lhes uma graça pessoal*. É Cristo quem lhes aplica individualmente sua graça; é sua tarefa, e não nossa, levar sua obra a bom termo. Sejamos, então, modestos, dependentes de Cristo, mais preocupados ainda que os arminianos em focar a cruz e mais desejosos em ver Cristo completar sua obra de reconciliação. Aí os pecadores dirão sim à causa de Cristo... apesar de nós!

2.3 A intenção da oferta do evangelho

Qual é a intenção de Deus quando deseja que o evangelho seja apresentado a todos os seres humanos, mesmo àqueles que jamais crerão? A quase totalidade dos ataques arminianos contra a posição calvinista se concentra aqui. Se Deus oferece sua misericórdia a todos, inclusive àqueles que ele sabe que não crerão, como evitar a conclusão de que lhe faltam sabedoria e poder, ou que sua sinceridade é duvidosa, perguntam eles?

⁹ BUNYAN, John. *Come and Welcome to Jesus Christ: A Discourse on John 6:37*. Bunyan (1628-1688), um puritano reformado, é autor do célebre *O Peregrino*.

K. Schilder¹⁰ definiu com precisão o sentido da palavra “oferta”. Não se trata de uma interrogação que espera uma resposta indiferente, como “você quer outra xícara de café?”. A oferta do evangelho se efetua segundo os princípios da aliança e *nenhum homem ou mulher tem algum direito* de responder “não”. Vejamos isso em detalhe.

Do lado divino, a oferta do evangelho não é condicionada por nada; ela é absoluta, séria e bem-intencionada. O que é proposto é preciso: Deus salva, ele salva por graça, realiza o que promete, sua Palavra é certa. Como diz Spurgeon, jamais uma pessoa que levou Deus a sério ficou sem o Salvador. O evangelho oferece uma salvação que depende de Deus e não do homem, que se realiza quando o homem reconhece o Senhor. Deus se engaja na criação de um novo coração, em dar a fé e regenerar todos aqueles que olham em sua direção para serem salvos.

Do lado humano, como disse Bunyan, a promessa de Deus é condicional. Ela chama à obediência, ao arrependimento, a receber a mensagem e a se converter. A conversão humana é a expressão da regeneração operada por Deus. A resposta humana à aliança leva em conta os “se” e os “e”. “Se tu...” e “vinde e vede...” convidam a acolher a mensagem. Assim, a oferta geral, fundamentada sobre a capacidade absoluta de Deus em salvar, compreende uma exortação lançada ao homem para que ele receba o evangelho nas condições propostas. O homem, enquanto criatura, é chamado a aceitar essa palavra em obediência e fé. Assim, o caráter da oferta, nesse sentido, é universal. Cristo jamais rejeita uma pessoa que vem a ele em resposta ao evangelho.

O arminiano objetará que, nessas condições, Deus zomba do pecador, porque este, segundo o esquema calvinista, não pode dar uma resposta positiva. E, é verdade, ele não pode dar. Mas essa incapacidade diminui o seu dever? Certamente que não. O homem não vem a Cristo, nem responde ao seu chamado, porque ele *não quer*. Por isso ele é responsável. Sua atitude em recusar a oferta de Deus não é normal, nem justificada. Ela é testemunha da gravidade e da anormalidade do pecado, que o impede de reconhecer a grandeza do amor de Deus apresentado no evangelho. Por isso Packer diz que a compaixão de Deus pelos pecadores os convida a ter compaixão deles mesmos.

Se a oferta de Deus fosse assim, poderíamos perguntar se seria sincera, dirá o arminiano. Se Deus deseja mesmo a salvação dos pecadores, porque não a realizou em todos aqueles que ouvem a boa nova? Se ele não faz isso, é porque sua compaixão é apenas aparente. Ainda, a propósito de Mateus 23:37: “Jerusalém, Jerusalém... Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!”, o arminiano acha que a compaixão de Deus é real, mas ela

¹⁰ K. Schilder (1880-1952), teólogo e pregador holandês, foi autor de uma trilogia sobre os sofrimentos de Cristo.

é contrariada pela resistência do homem. Alguns calvinistas não souberam responder bem a este argumento. Foi assim que Calvino e Turretino afirmaram que, nesse texto, a compaixão de Cristo, em razão de sua humanidade e suscitada pelo seu sofrimento, não tinha o propósito de permitir-lhe salvar os judeus, salvação que não estava nos planos de Deus. Entre outras, esta explicação nos parece frágil.

Dabney propõe uma explicação mais próxima dos textos que, como 1 Timóteo 2, evocam o desejo de Deus de salvar todos os homens e sua compaixão. A compaixão de Deus pelos perdidos é real, sincera e profunda. Deus pode, sem contradizer-se, desejar o que ele não decretou. Existem em Deus razões secretas que não conhecemos, que estão escondidas em seu conselho não revelado e que fazem com que sua compaixão não se manifeste concretamente. W. Cunningham e J. Murray adotam essa posição quando dizem que pode haver em Deus um desejo de realizar o que não decidiu em sua vontade secreta. Dabney dá uma ilustração disso: George Washington assinou a condenação à morte do espião André; ao fazer isso ele chorou de compaixão, mas esta teve que ceder diante das razões superiores que haviam motivado sua decisão.

Na oferta de salvação pelo evangelho da cruz, Deus manifesta sua compaixão pelo pecador, exprime seu desejo de vê-lo arrependido e oferece sua graça de maneira autêntica e real. Há aí uma espécie de paradoxo. A expiação feita na cruz e o amor de Deus tornam-se motivos de perdição para o pecador. Como é grande a perversidade do pecado! O que há de mais dramático que desprezar o amor divino? “Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3.17).

“Esse verso afirma que a condenação não era o objeto inicial da missão de Cristo... que era manifestar, pelo sacrifício de Cristo, a compaixão de Deus para com todos” (Dabney). Por isso o pregador do evangelho não pode ter outra intenção além daquela que o próprio Deus tem: a compaixão pelos perdidos, o amor que Deus manifestou por eles na cruz e seu desejo de que sejam salvos. O inimigo a enfrentar: a perversidade do pecado, que é a rebelião em face do amor de Deus. Utilizemos, então, todas as armas à nossa disposição para desmascarar esse inimigo, o destruidor do homem, e advertir aqueles que “preferem as trevas à luz”.

2.4 Os efeitos da oferta geral do evangelho

Cunningham afirma que a Escritura não estabelece elo de causalidade entre o valor infinito do sacrifício de Cristo e a oferta geral do evangelho. A “redenção particular”, que resulta da vontade divina, aplica e personaliza a oferta geral de salvação. Deus anuncia a salvação a todos em Cristo e projeta sua luz no coração de alguns indivíduos. Aqueles que, à luz de João 6, são dados a Cristo pelo Pai, virão a ele. Ao mesmo tempo, Cristo não negligencia

a salvação daqueles que recebeu do Pai. Sua missão é comunicar sua graça aos seus e tornar efetiva sua vinda. A oferta do evangelho, que conduz à “vocação eficaz” do pecador, implementa, em seu caso, a razão de ser da cruz:

- Ao dom do Filho sobre a cruz, corresponde o dom do Espírito que testemunha do Filho;
- À compaixão manifestada publicamente dando o Filho pelos pecadores corresponde o amor indizível de Deus por seus eleitos;
- À morte de Cristo que é bênção para toda a humanidade corresponde a morte de Cristo enquanto garantia da vida eterna para os filhos de Deus;
- À morte de Cristo que provê um tempo de paciência divina corresponde, para os eleitos, a justificação, a propiciação e a fé.

De um mesmo convite procedem dois resultados: a vocação eficaz de alguns pecadores e a perdição de outros. Mas o evangelho não é causa de perdição para ninguém: a perdição é um efeito indireto da mensagem da cruz, devido à terrível dureza do coração do homem natural. A missão do pregador é dramática. Está ele realmente consciente da gravidade da luta espiritual na qual está engajado, contra os poderes das trevas, que reinam não somente nos lugares celestiais, mas também nos corações de seus ouvintes?

3. OS QUE VÊM A CRISTO

Aquele que encontra Cristo encontra a vida. Como disse Bunyan, “há em Cristo tamanha glória que, uma vez descoberta, ela volta o coração para ele e o atrai”. A proclamação do evangelho toma a forma de uma promessa oferecida a todos. Foi assim que Cristo mesmo pregou. Pensemos nas sete afirmações que começam por “Eu sou”. Jesus revela que ele está em seu papel messiânico e acrescenta uma promessa àquele que o reconhece como tal. A proclamação geral do evangelho assume, então, a forma do pacto, como segue:

- Anúncio feito a todos;
- Promessa de recompensas como frutos da graça;
- Convite a respeitar suas condições;
- Ordem para se arrepender e crer.

A pregação da boa nova deve conter esses aspectos. Por isso Paulo, após ter declarado que Deus quer que “todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”, ou seja, depois de evocar a compaixão de Deus e como ela se manifesta, afirma que foi estabelecido como pregador e apóstolo para proclamar o evangelho (1Tm 2.4-6).

Quem, então, virá a Cristo? Aquele que foi tomado pelo que Cristo fez e que leva a sério a sua palavra. É necessário insistir sobre este ponto desde o início, porque toda posição teológica que o negligencia vai inevitavelmente admitir a capacidade do homem como sujeito da salvação. O Messias é todo-poderoso, enquanto que o homem é incapaz.

3.1 A incapacidade do homem

O erro dos arminianos é fazer do arrependimento e do abrir do coração *condições* para o dom da graça. Dito de outra maneira, eles colocam a conversão antes da regeneração e confundem os dois. O homem teria tão pouco calor espiritual? Não. Ele tem a temperatura de um cadáver. Como disse Spurgeon, o milagre da graça foi Deus ter descido abaixo do grau zero da morte para dar vida ao pecador.

Nenhum pecador pode, por natureza, entregar-se a Cristo. A tarefa dolorosa da pregação é dizer isso. O arminiano objetará dizendo que o homem certamente é pecador, mas isso não o impede de vir a Cristo. Expressarmos isso em nossa prática homilética é uma tentação. Mas o evangelho adverte que o ser humano *não pode vir a Cristo* e aceitá-lo. Ele é inteiramente incapaz. Quanto a isso, sua situação espiritual não tem esperança. Ora, paradoxalmente é precisamente aí que o pecador consciente encontra sua esperança. Spurgeon insiste que devemos afogar nossa autossuficiência até que reconheçamos o desespero de nossa situação e nossa total incapacidade para sairmos disso. Quando alguém percebe claramente a tragédia que é ser pecador diante do Deus santo, o milagre da graça será crer que ele é perdoado e aceito pelo Senhor. O pecador depende somente de Deus para a sua salvação.

Assim, a pregação do evangelho prende o pecador a Cristo, para que compreenda que não há nenhuma esperança, nenhum recurso, salvo em Cristo mesmo, e que ele venha a clamar: “Meu Deus, estou desesperado, salva-me por tua graça!” Ele se reconhece incapaz de salvar-se e sabe, psicologicamente, que sua salvação depende de Deus. Esse é o motor, a convicção que o impulsiona a Cristo. O carcereiro de Filipos, ao perguntar “Que devo fazer para que seja salvo?”, não tinha em mente fazer qualquer coisa em seu benefício. Ele se via perdido. Por isso Spurgeon afirma que há dez mil vezes mais esperança no calvinismo que no arminianismo, que afirma que todos podem ser salvos se ao menos o quiserem muito. No calvinismo é diferente: o pecador é um cadáver... mas Cristo é a ressurreição e a vida. O pecador que se vê como tal, não pode vir por si mesmo, mas Deus lhe dará a vontade; ele é cego, mas Deus diz: “Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem” (Is 42.16).

O Espírito Santo, ao suscitar a vida no homem morto pelos seus pecados, realiza o milagre da graça. De outro modo o pecador viria a Cristo? Não, ele não pode e nem mesmo quer. No entanto, ele virá. Ele receberá a vida, porque Deus realizará em seu coração o que ele é incapaz de fazer. Eis porque a dou-

trina da “redenção particular” está no coração da oferta do evangelho, porque ela serve de fundamento para a esperança de que os homens virão a Cristo para receber a salvação. Se Cristo não salvar os pecadores, sua decisão ou nossa palavra não o fará. Se ele foi verdadeiramente morto por eles, então virão a Cristo! Quando ouvimos o chamado de Cristo para ir a ele, não queremos nem podemos; mas se esse chamado é acompanhado da seguinte precisão: esta palavra é para “aqueles que não têm dinheiro”, para “aqueles que têm sede”, para “aqueles que estão cansados e sobrecarregados”, então nos damos conta de que essa palavra é para nós e corresponde à nossa situação. Então não podemos fazer outra coisa senão correr para Cristo, cujo Espírito é vida e cujo convite é caloroso e constitui nosso único recurso.

3.2 O mandamento de ir a Cristo

Porque Deus é o soberano do pacto, ele pede ao pecador que acolha positivamente o evangelho. Trata-se mesmo de um *mandamento*, como demonstra, por exemplo, Isaías 55, com muitos de imperativos: “vinde... buscai... invocai... escutai...”.

O arminiano diz que a tese calvinista não se sustenta se o pecador não puder ir livremente. Deus perderia seu tempo porque somente alguns, os seus eleitos, responderiam. Isso merece os seguintes comentários:

(a) Formalmente, como diz Dabney, o fato de Deus formular mandamentos não implica que o homem pecador tenha a capacidade de observá-los. Quem pode “amar o Senhor de todo o seu coração”? Ninguém. Mas é da natureza de Deus exigí-lo. John Owen insistiu sobre esse ponto.¹¹ O dever de todo pecador não regenerado é voltar-se para Cristo, em arrependimento e fé, para ser salvo. Ele deve crer que:

- O evangelho é verdadeiro;
- A salvação é somente pela fé em Cristo;
- Todo pecador precisa de um Salvador;
- Cristo salvará o pecador se este se entregar a ele, conforme as indicações do Evangelho.

Na oferta arminiana falta a urgência da obrigação. Essa oferta está enquadrada numa possibilidade: “Permita-me ajudá-lo com esse tesouro” (Schilder).

(b) Materialmente, a vontade *regenerada* necessita receber indicações claras sobre a maneira de se comportar ao escutar o chamado do evangelho. Como poderia ser de outra forma? Os eleitos estão no meio da humanidade perdida. Aliás, é por isso que o chamado só pode ser geral. O pacto da graça,

¹¹ OWEN, John. *Works*. Edimburgo: Banner of Truth, 1960 (1850-1853), vol. X. John Owen, grande teólogo puritano do século 17, foi autor prodigioso e capelão de Cromwell.

diz C. Hodge,¹² é proposto a toda a humanidade e a condição para entrar nesse pacto é a fé. A fé não é a causa da salvação, mas sua condição. É dessa forma que Deus indica aos seus como eles podem responder ao chamado.

(c) O homem é *passivo* no momento em que Deus o regenera, mas a regeneração reanima sua liberdade ao criar nele uma nova disposição, livre do domínio do pecado. Como Abraham Kuyper¹³ constata, “nascido de novo e eficazmente chamado, o homem se converte”. Kuyper salienta que, no Novo Testamento, a conversão é considerada quase 140 vezes como um ato do homem, e somente 6 vezes como um ato do Espírito Santo! Assim, quando a Escritura exorta o homem a se converter, ela evoca uma resposta humana ao evangelho, resultante da regeneração. Essa resposta é possível porque Deus regenera aqueles por quem Cristo morreu e, ao restaurar sua liberdade, torna-os capazes de dizer “sim”. Isto possibilita duas importantes consequências no que concerne à proclamação do evangelho:

(a) Na oferta geral, não convém encorajar os ouvintes a nascer de novo, nem exortá-los a crer que Cristo morreu por todos e, portanto, por eles pessoalmente. Owen afirma que não é possível afirmar: “Creia, porque Cristo morreu por você pessoalmente”. A aplicação pessoal da morte de Cristo faz parte do dom divino da regeneração. Se a expiação é impessoal, a reconciliação é pessoal. Também a oferta do evangelho deve permanecer impessoal quando endereçada a cada pessoa. Nós temos que exortar quem quer que seja a arrepender-se e a crer, sem temer dar a essa exortação o imperativo de uma ordem sobre algo que tem que ser feito, porque a salvação exige essa condição.

(b) A ortodoxia calvinista às vezes tem esquecido esse aspecto da pregação, que se apresenta frequentemente como uma descrição teológica, teórica e árida, sobre o que é arrependimento e fé. Por medo do arminianismo, chega-se a dispensar o homem de seu dever em voltar-se para Cristo, enquanto que é confiando radicalmente em Cristo que somos salvos e não se contentando apenas em tomar consciência intelectual da natureza da regeneração. Essa tomada de consciência é insuficiente, embora seja necessária.¹⁴ Assim, a ortodoxia pode gerar a presunção, que resulta no formalismo, e nossas comunidades protestantes estão cheias de “cristãos” de fato irregenerados que se creem salvos porque podem repetir o Credo dos Apóstolos. No entanto, a salvação é abandonar-se a Cristo, que salva! O fantasma do arminianismo teria o poder de fazer nosso apelo à fé menos urgente que o de Cristo?

¹² Charles Hodge (1797-1878) foi professor no Seminário de Princeton e autor de uma excelente teologia sistemática.

¹³ Abraham Kuyper (1837-1920), teólogo e primeiro ministro dos Países Baixos, escreveu, entre outras, uma obra notável sobre o Espírito Santo.

¹⁴ Para os reformadores, a fé não é somente um conhecimento, mas antes de tudo confiança (*fiducia*).

3.3 *A promessa é para aqueles que vêm*

Packer observa que, na oferta do evangelho, nós não trazemos os homens a Cristo, mas trazemos Cristo aos homens. Isto pode surpreender, mas, se refletirmos, nada é mais exato. É a regeneração que faz o homem vir a Cristo; nosso papel é apresentar a boa nova com sua promessa.

Deus dá o que ordena no evangelho. Ele sabe quem virá, ele o torna capaz em vir e, ao acrescentar sua promessa, o encoraja a receber a Cristo. Aquele que vem, será recebido. Mas como virão? Bunyan mostra que o movimento é espiritual; impulsionado pelo sentimento de incapacidade absoluta, pelo perigo que o pecado traz, o pecador corre para Cristo para obter socorro. A promessa de ser aceito, de ser bem-recebido, fortifica a vontade de abandonar tudo por ele (Lc 14.26,27).

Podemos “nos decidir” por Cristo? Seremos salvos ao assinar um cartão de decisão? Levantar-nos para obter a salvação? Certamente não. Packer diz que essas manifestações modernas sugerem que podemos decidir por nós mesmos e que esse assunto é nosso. O ato de decidir implica uma automotivação. “Vir a Cristo”, ao contrário, é um ato que corresponde à renúncia de si mesmo e uma total confiança na promessa de Deus. Nós não vamos a Cristo porque somos capazes de “tomar uma decisão”, mas porque Cristo promete nos receber. É o engajamento de Cristo que motiva o pecador perdido e o traz para ser salvo. O evangelho moderno é umbilical: ele encoraja uma focalização sobre nós mesmos e não o olhar em direção a Cristo e seus méritos. Com um ponto de partida como esse, não surpreende que a vida cristã pareça ser uma série de experiências ou múltiplas conversões.

O evangelho glorifica a imensidade do amor de Cristo, que promete receber aqueles que não “valem” nada. Não temos perdido aquele sentido tão rico do amor de Cristo, que recebe os cegos e coxos, aqueles que não são nada? Que maior privilégio pode haver para um vale-nada que sentar-se à mesa do Rei? O Rei da Glória, ele mesmo nos convida e promete nos saciar. Sua recepção real é pessoal, como da ovelha perdida, do filho pródigo, do pecador que se arrepende, fonte de alegria no céu. O chamado vem de Cristo e é orientado para ele. “O Espírito e a noiva dizem: Vem!” (Ap 22.17). Esse chamado extrai toda sua força do fato de que Cristo recebe apenas aqueles por quem morreu. Cristo é glorificado em seu ofício de mediador, quando os pecadores vêm a ele. E ele “é rico em perdoar” (Is 55.7).

3.4 *Cristo, morto por mim também*

Turretino faz uma distinção clássica na teologia reformada, mas hoje esquecida, entre a fé *formal* e a fé *consoladora*. A fé formal conduz somente a Cristo para a salvação e implica um conhecimento de nossa miséria, uma resposta ao chamado divino e uma plena confiança na promessa de Cristo.

Essa é a fé justificadora. A fé formal é direta, voltada para Cristo e encontra a salvação nele, isto é, ela não tem nada do homem. A fé consoladora é a consequência interior da fé formal; ela nos assegura que Cristo morreu por nós. Foi essa a grande experiência dos irmãos Wesley em 1738, ao lerem os textos de Martinho Lutero, e que Charles Wesley descreveu assim: “Eu custei, eu esperei e eu orei para sentir que Cristo me ama e que ele se deu *por mim*”. Packer diz que essa segurança está fundamentada no conhecimento do amor de Deus e não pode preceder a experiência da fé que salva. Normalmente, o cristão raciocinará assim:

- Cristo morreu por todos aqueles que creem;
- Eu vim a Cristo e creio;
- Então Cristo morreu por *mim também*.

A fé consoladora não pode ser apresentada como *uma razão* para crer; ela é apenas consequência do ato de fé. A inversão dessa ordem é o erro do arminiano.¹⁵ Da mesma maneira que diz ao pecador “Deus o ama”, ele solicita sua fé pessoal e lhe pede para crer que Cristo morreu por ele *pessoalmente*. Ora, o evangelho não nos pede para crer que “Cristo morreu por você”, mas para crer em Cristo. Spurgeon, como sempre, foi ao ponto. Ao crer que Cristo morreu por você, diz ele, você pode crer naquilo que não é verdade. E assim podemos ir para o inferno por não termos vindo a Cristo conforme o evangelho, tendo crido simplesmente que Cristo morreu por nós! A essência da fé que salva não reside nessa segurança. A fé que salva é aquela que confia em Cristo e descansa nele para sua libertação. Estar seguro de que Cristo *me* salva é fruto da fé que salva, isto é, a confiança posta em Cristo para ser salvo.

CONCLUSÃO

A “redenção particular” é o fundamento do anúncio geral do evangelho. Somente ela é coerente com o conteúdo do evangelho, ou seja, que todos os seres humanos são pecadores e incapazes de se salvar, que Cristo foi escolhido “no seu sangue, como propiciação, mediante a fé” (Rm 3.25), que a reconciliação é obra pessoal de Deus e que todo homem tem o dever de se arrepender e crer. Essas verdades existem para satisfazer suas verdadeiras necessidades. A pregação de hoje, em vez de excitar o orgulho de seus ouvintes, deveria lembrá-los disso claramente.¹⁶

¹⁵ Erro infelizmente também cometido por Wesley. Ver: SCHLUCHTER, A. “Wesley e Whitefield, uma controvérsia sobre a evangelização”. *La Revue Réformée* 37 (1986:4), p. 177ss.

¹⁶ Outras obras relevantes sobre o tema são: BLOCHER, H. “Le champ de la rédemption dans la théologie moderne”, *Hokhma*, nº 43, p. 25-48. HELM, P. “The Logic of Limited Atonement”. *Scottish Bulletin of Evangelical Theology* (1985:2), p. 47-54. JOHNER, M. “L’universalité et la particularité du

ABSTRACT

The Reformed faith or historical Calvinism embraces the conviction that redemption is particular, namely, that Jesus Christ died in order to save only his people, his sheep, not every man indiscriminately. Contrary to general perception, this doctrine does not contradict, rather it is a powerful incentive to, the universal offer of the gospel to all. In fact, “particular redemption” is the foundation for the general proclamation of the good news. Only this doctrine is coherent with the content of the gospel: that all human beings are sinners and unable to save themselves, that Christ was chosen “in his blood, as a sacrifice of atonement, through faith”, that reconciliation is a personal work of God, and that every man has the duty to repent and believe.

KEYWORDS

Reformed theology; Calvinism; Covenant; Particular redemption; Arminianism; Preaching of the gospel.

salut chrétien”. *La Revue réformée* (1988:4), p. 17-40. DE JONG, A. C. The Well-Meant Gospel Offer. The Views of H. Hoeksema and K. Schilder. Franeker: Wever, 1954. NICOLE, R. “John Calvin’s View of the Extent of the Atonement”. *Westminster Theological Journal* (1985:2), p. 197-225. WARFIELD, B. B. “God’s Immeasurable Love”. In: *Biblical and Theological Studies*. Filadélfia: P&R, 1952, p. 505-522. WELLS, Paul. *Entre ciel et terre*. Lausanne: Ed. Contrastes, 1991, Apêndice II. WITSIUS, H. *The Economy of the Covenants Between God and Man*. Escondido, CA: P&R (distr.), 1990 (1822), vol. I, p. 255-270.